

“HÁ CRIANÇAS PORTUGUESAS QUE SÓ FALAM ‘BRASILEIRO’”: INDÚSTRIA CULTURAL, MEIOS MASSIVOS DE COMUNICAÇÃO E CONTATOS INTRALINGUÍSTICOS NO ESPAÇO VARIACIONAL LUSÓFONO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

“THERE ARE PORTUGUESE CHILDREN WHO ONLY SPEAK ‘BRAZILIAN’”: CULTURAL INDUSTRY, MASS MEDIA, AND INTRALINGUISTIC CONTACTS IN THE VARIATIONAL SPACE OF LUSOPHONY FROM A HISTORICAL POINT OF VIEW

Virginia Sita Farias¹

RESUMO

A matéria intitulada “Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”, publicada no *Diário de Notícias* em 10 de novembro de 2021, popularizou-se rapidamente, suscitando inúmeros debates sobre preconceito linguístico/discriminação linguística e, inclusive, xenofobia. Um tema crucial, no entanto, permaneceu pouco explorado: a questão de como a indústria cultural e os meios massivos de comunicação podem afetar as crenças e atitudes dos falantes – ou mesmo a própria língua, ao propiciar situações de contato que podem resultar em mudança linguística. Neste ensaio, partir-se-á do caso relatado pelo jornal português para discutir o papel dos meios massivos de comunicação como agentes facilitadores de contatos linguísticos. Para tanto, apresentar-se-á, inicialmente, uma breve análise do percurso histórico que levou à conformação do pluricentrismo do português, assim como ao atual sistema de interações entre variedades no espaço variacional lusófono. A seguir, serão propostas algumas reflexões sobre o impacto da indústria cultural e dos meios massivos de comunicação na difusão de determinadas variedades – tomando como exemplo o caso do português brasileiro em Portugal. **PALAVRAS-CHAVE:** Espaço variacional lusófono. Pluricentrismo. Contatos (intra)linguísticos. Meios de comunicação massiva.

ABSTRACT

The article published in *Diário de Notícias* on 10th November 2021, under the heading “There are Portuguese children who only speak ‘Brazilian’”, quickly became popular, and has been the subject of numerous debates on linguistic prejudice/discrimination, and even xenophobia. However, one crucial topic has received limited attention so far: The question of how the cultural industry and the mass media can affect the beliefs and attitudes of speakers – or even the language itself, by providing contact situations that can result in linguistic change. In this essay, we will start from the case which were reported by the Portuguese newspaper *Diário de Notícias* to discuss the role of mass media as facilitators of linguistic contacts. To this end, we will initially present a brief analysis of the historical path that led to the conformation of the pluricentric architecture of Portuguese, as well as the interactions between varieties in the variational space of Lusophony nowadays. Next, some reflections on the impact of the cultural industry and mass media on the spread of certain varieties will be proposed – taking into consideration the case of Brazilian Portuguese in Portugal.

KEYWORDS: Variational space of Lusophony. Pluricentrism. (Intra)linguistic contacts. Mass media.

1. Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’?

A matéria intitulada “Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”, publicada na edição *on-line* do jornal *Diário de Notícias* em 10 de novembro de 2021², como muitos ainda devem

¹ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), virginiafarias@usp.br, <https://orcid.org/0000-0002-2991-3212>.

² Cf. LUZ, Paula Sofia. Há crianças portuguesas que só falam “brasileiro”. *Diário de Notícias*, Lisboa, 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/ha-criancas-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

recordar, causou furor nos principais veículos de comunicação e redes sociais d’aquém e d’além mar. A reportagem do jornal português objetivava relatar a influência dos *youtubers* brasileiros sobre as crianças portuguesas – com especial ênfase no impacto que o consumo desse tipo de produto midiático tem sobre os hábitos linguísticos dos mais jovens. Porém, certas afirmações contidas no texto publicado foram consideradas, por alguns leitores, indícios de discriminação linguística ou mesmo étnica, como se observa nas seguintes passagens: “[a]o princípio, a família até achava alguma piada à forma como ele falava, às expressões brasileiras. Mas à medida que o tempo foi passando, a educadora de infância começou a preocupar-se [...], porque o menino não conseguia dizer os r’s nem os l’s”, ou “[t]odo o discurso dele é como se fosse brasileiro. [...] conta ao DN [*Diário de Notícias*] a mãe, [...], numa altura em que o pequeno seguidor de Luccas Neto já frequenta sessões de terapia da fala”³.

Entre várias outras manifestações a respeito, a matéria de 28 de fevereiro de 2022, publicada na edição eletrônica da revista *Piauí* sob o título “Na rua só oiço brasileiro”⁴, sustenta que os depoimentos de pais e mães portugueses reproduzidos na reportagem do *Diário de Notícias* – oscilantes entre a mera constatação do “problema” e a intolerância – refletiriam, ao menos em parte, discursos nacionalistas e anti-imigração – neste caso, especificamente em relação aos brasileiros –, difundidos sobretudo por grupos de ultradireita, cuja ascensão em Portugal nos últimos anos parece, lamentavelmente, acompanhar uma tendência mundial.

Os debates – por vezes acalorados – suscitados a partir da publicação da matéria do jornal português são um reflexo evidente da complexidade do tema. Porém, embora controverso, não é exatamente novo. Neves (2016, p. 114), ao discorrer acerca da percepção da variedade brasileira em terras lusitanas, admite que “[a]lguns de nós, mais inclinados para a *pureza*, reclamamos muito por causa da suposta *brasileirização* da cultura portuguesa [...]” (grifos do autor), e remata dizendo que “[...] os portugueses são, de facto, ultra-sensíveis a esta questão” (NEVES, 2016, p. 117). A constatação de Neves (2016) é reforçada, por exemplo, pelo fato de que a resistência mais ferrenha à implementação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP), firmado em 1990 pelos países membros da Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP), tenha partido justamente de Portugal: “[p]assada a data-limite legal da obrigatoriedade definitiva do atual ‘código da escrita’

³ Ainda que muito pertinente, a análise da questão trazida à tona pela reportagem do *Diário de Notícias* tendo em vista o *discurso*, no sentido foucaultiano (BECKER, 2015, pp. 152-5), bem como o conjunto de ideias – ou *ideário* (CHAUÍ, 2012, p. 7) – por ele veiculados não será o foco deste trabalho. Para uma visão crítica das formações ideológicas que poderiam estar por trás de falas como as transcritas acima, recomenda-se recorrer, por exemplo, a Behling (2020) e Minga (2019). Em Behling (2020), apresentam-se interessantes reflexões acerca da construção dos discursos em torno aos imigrantes brasileiros em Portugal – e, principalmente, em torno à sua variedade linguística. Já Minga (2019) traça um panorama amplo e crítico da construção das representações contemporâneas do Brasil e dos brasileiros no imaginário dos portugueses, com base em textos jornalísticos publicados entre os anos de 2000 a 2005 e de 2010 a 2015. Chega à conclusão de que as representações sobre o Brasil e sua população que com mais intensidade circulam no interior da sociedade portuguesa ainda refletem uma visão colonialista, de “subalternização do outro”.

⁴ Cf. BERGAMASCHI, Mara. Na rua só oiço brasileiro. *Piauí*, São Paulo, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/na-rua-so-oico-brasileiro/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

em Portugal há mais de ano e meio [...] persistem as vozes que se manifestam contra o *AOLP* (1990), pretendendo manter-se fieis às normas do regime ortográfico anterior de 1945/1973 [...]” (KEMMLER, 2016, p. 353).

A rejeição às variedades linguísticas – e, eventualmente, também às manifestações culturais – provenientes do Brasil, na medida em que estas poderiam significar algum tipo de ameaça à tradição linguística e cultural portuguesa, no entanto, parecem não encontrar respaldo nos fatos. Segundo Neves (2016, p. 123):

A pessoa tem a ideia de que, hoje em dia, quase tudo vem em português do Brasil. Ora, os programas de televisão infantis são praticamente todos dobrados em português de Portugal. Já é raro vermos produtos em português do Brasil. Nem as telenovelas são hoje brasileiras (pelo menos, na sua maioria). Quanto à língua em si, estamos cada vez mais afastados uns dos outros no que importa (com ou sem acordos). [...]

Mas, claro, quem acredita nisso vai olhar apenas para o que confirma a sua crença: se encontrar um produto que seja com embalagem em “brasileiro”, pronto, está o caldo entornado.

O breve introito acima apenas ratifica o que era já praticamente um consenso entre os leitores (ao menos entre aqueles d’aquém mar): a abordagem adotada na reportagem do *Diário de Notícias* foi pouco feliz, na medida em que se plasma, segundo o que se pôde observar, com base em uma ideologia purista, certo grau de preconceito linguístico (e/ou etnocultural) e uma boa dose de viés de confirmação. Mas, e quanto aos fatos puramente linguísticos? Seria adequado, em termos estritamente linguísticos, afirmar que as crianças portuguesas estão realmente falando “brasileiro”? Ou seriam os usos linguísticos reportados pelos pais entrevistados apenas uma consequência natural do contato entre duas variedades? E, sendo este o caso, seria possível fazer projeções a médio e longo prazo acerca do impacto que as situações de contato propiciadas pelos meios massivos de comunicação poderiam gerar em Portugal?

A fim de responder às indagações propostas, o foco, aqui, será analisar, dos pontos de vista linguístico e sócio-histórico, a questão posta da (aparente) prevalência do “brasileiro” (não só, mas principalmente) entre as crianças portuguesas – e de como isso, por várias razões, dista muito de ser um fato singular, fortuito, imprevisível ou inesperado. Buscar-se-á, em primeiro lugar, descrever brevemente o percurso histórico que levou à dinâmica de interações entre variedades percebida hoje no espaço variacional⁵ lusófono⁶ – que, no final das contas, está na origem das preocupações expostas

⁵ Ao empregar o termo *espaço variacional*, remontamo-nos ao arcabouço teórico da linguística variacional – ou linguística de variedades [*Variätenlinguistik*] – de tradição germânica (para uma definição desta corrente linguística em contraposição à sociolinguística variacionista, cf. KREFELD, 2017, pp. 14-6). Neste âmbito, o espaço variacional – ou diassistema – de uma língua histórica é entendido como o resultado das relações estabelecidas entre as dimensões de variação que conformam sua arquitetura – a dimensão diatópica, a diastrática (FLYDAL, 1952) e a diafásica (COSERIU, 1982). As variedades que conformam o espaço variacional de uma língua histórica, por sua vez, ordenam-se a partir da língua exemplar/do padrão que, neste caso, deve funcionar como uma espécie de ponto de referência para a identificação das demais variedades (KOCH; OESTERREICHER, 2011, p. 14 ss.).

⁶ O adjetivo *lusófono* – assim como, eventualmente, também o substantivo *lusofonia* – são empregados neste trabalho para designar, respectivamente: “que se utiliza do português como língua de cultura” (DUPB, 2002, s.v. *lusófono*) e “adoção do português como língua de cultura” (DUPB, 2002, s.v. *lusofonia*). Para uma discussão aprofundada das polêmicas em torno ao conceito de *lusofonia*, cf. Faraco (2012).

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

na matéria à qual se alude no título deste ensaio – e, a partir disso, fazer algumas reflexões acerca do papel da indústria cultural e dos meios massivos de comunicação na difusão de determinadas variedades – com especial atenção ao caso descrito.

2. Diversificação e pluricentrismo no espaço lusófono

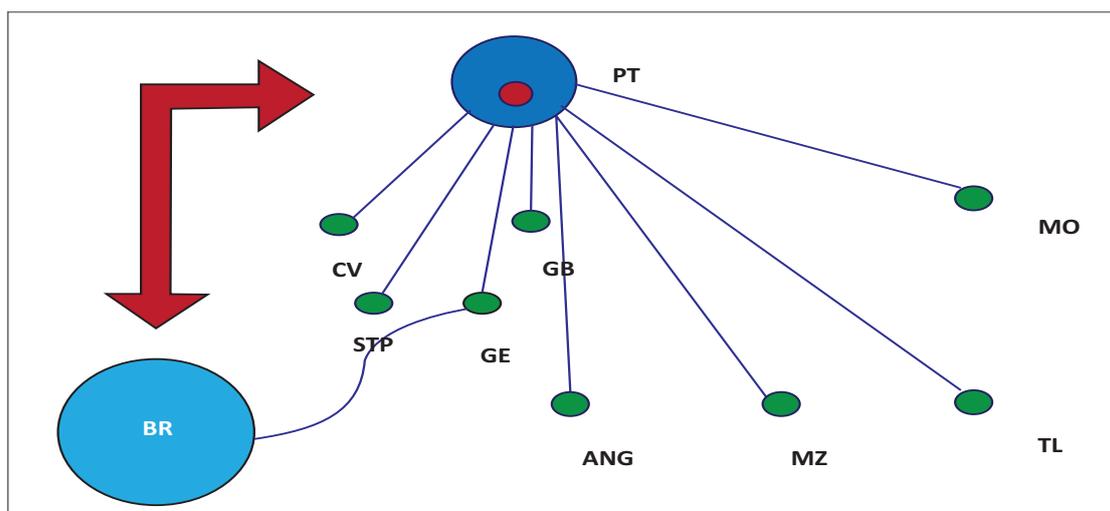
Antes de abordar propriamente a questão dos contatos (intra)linguísticos, faz-se necessária uma breve digressão sobre os processos sócio-históricos que concorreram para a emergência do pluricentrismo do português e a reordenação do espaço variacional lusófono.

A diversificação do português no Brasil – bem como na África e na Ásia – tem sido, ao longo dos anos, objeto de abundantes estudos e pesquisas⁷. Ora, essa diversificação/fragmentação do português também afetou, como não poderia deixar de ser, a língua exemplar (sobre este conceito, cf. COSERIU, 1990, 2006, 2019), acarretando, como consequência, a configuração de uma arquitetura pluricêntrica⁸. Com efeito, parece ser consensual a ideia de que o português poderia classificar-se como uma língua pluricêntrica (BAXTER, 1992; PÖLL, 2001, 2005, pp. 79-88; OLIVEIRA, 2016; SILVA, 2016, 2017, 2018), cujos principais centros de irradiação normativa seriam, respectivamente, Brasil, pela supremacia demográfica, e Portugal, por sua anterioridade histórica (SILVA, 2017, p. 321). O gráfico de Oliveira (2016), reproduzido abaixo, esquematiza, de forma muito didática, a situação do pluricentrismo do português – bem como as relações entre as variedades mais ou menos centrais constituídas no âmbito da lusofonia:

⁷ Sobre a história do português no Brasil, cf., por exemplo, Teyssier (2014, pp. 93-116) e Faraco (2019, pp. 95-175). Acerca das divergências entre o português no Brasil e em Portugal, cf. Tarallo (1993), Castilho (2008), Bagno (2001, 2011), Lucchesi (2012a), Galves e Kroch (2016). Para uma discussão acerca da diferenciação e formação do português no Brasil, cf. Baxter e Lucchesi (1997), Matos e Silva (2004), Lucchesi (2012b), Bonvini (2014), Callou e Brandão (2016), Bortoni-Ricardo (2021). Para uma visão geral acerca das lacunas e dos campos ainda por explorar no que concerne à diversificação e formação do português no Brasil, cf. Noll (2004), Lins (2009), Matos e Silva (2012), López Serena (2021).

⁸ A primeira menção escrita ao termo *pluricêntrico* costuma ser atribuída a Stewart (1968, p. 16), em um manuscrito que, muito provavelmente, já havia começado a circular no meio acadêmico alguns anos antes (AUER, 2013, p. 18). Sua difusão e popularização, no entanto, ficou a cargo, sobretudo, de Kloss (1967, 1978). Desde então, tem havido inúmeros debates em torno ao problema do pluricentrismo, a começar pelas clássicas contribuições reunidas em Clyne (1992a). Outros nomes importantes são Ammon (1995), Pöll (2005) e Muhr (2012, 2013a, 2016). Neste trabalho, para fins de simplificação – ainda que sem ignorar seus limites (para uma discussão a respeito, cf., por exemplo, PÖLL, 2012; MEISNITZER, 2019; FARIAS, 2024) –, remeter-se-á à definição de Clyne para falar de *línguas pluricêntricas*: “languages with several interacting centres, each providing a national variety with at least some of its own (codified) norms” (CLYNE, 1992b, p. 1). Ao utilizar a expressão “arquitetura pluricêntrica”, faz-se referência, portanto, a uma língua histórica em cujo âmbito convivem dois ou mais estândares (línguas exemplares), cada um(a) deles(as) com seu próprio espaço variacional/diassistema.

Figura 1: Sistema de estândares do português



Fonte: Oliveira (2016, p. 38)

De acordo com o esquema acima, a variedade brasileira seria, hoje, a de maior peso e alcance no espaço lusófono⁹. O fator demográfico, conforme o assinalado *ad supra*, é um dos principais responsáveis pelo status atribuído à variedade nacional. Nesse sentido, convém recordar que o Brasil concentra, atualmente, mais de 75% do total de falantes nativos da língua portuguesa no mundo. Contudo, é obvio que tanto a importância política e econômica de um país no cenário internacional quanto o chamado *soft power* também podem contar muitos pontos a favor de uma língua e/ou de uma variedade linguística. Tais fatores, ao lado do demográfico, despontam como fortes aliados da variedade brasileira na atual configuração do pluricentrismo do português (cf. seção 3).

A facilmente perceptível “vantagem” da variedade brasileira frente à portuguesa no âmbito de um “bicentrismo” relativamente simétrico¹⁰ tem, evidentemente, várias consequências tanto no

⁹ Não obstante, a variedade de Portugal continua sendo até os dias de hoje a que maior influência exerce entre os países africanos e asiáticos onde o português é língua oficial ou cooficial – nominalmente, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Guiné Equatorial e China (Macao) (OLIVEIRA, 2016, pp. 36-9). Relativamente à preponderância da variedade europeia na África e na Ásia, deve-se fazer, porém, uma ressalva: há algumas variedades que, como consequência da implementação de políticas linguísticas, vêm ganhando cada vez mais força. São os casos, notoriamente, de Angola (BANZA, 2015; SANTOS, 2018), Moçambique (MAPASSE, 2017) e Timor-Leste (BATORÉO; CASADINHO, 2009; BATORÉO, 2016b). Em vista disso, Oliveira (2016) projeta, já para meados do século XXI, uma mudança importante na configuração do pluricentrismo do português, que, de língua eminentemente “bicêntrica”, passaria a ser, de fato, pluricêntrica, sobretudo a partir da consolidação dos estândares angolano e moçambicano.

¹⁰ Sobre o papel das relações estabelecidas entre língua-identidade-poder na configuração de situações pluricêntricas mais ou menos simétricas, cf. CLYNE (1992c). Um exemplo prototípico de pluricentrismo (“bicentrismo”) simétrico costuma ser o da língua inglesa (CLYNE; SHARIFIAN, 2008): sua apregoada simetria pode ser explicada, em parte, pela consolidação de uma tradição lexicográfica própria nos Estados Unidos ainda em meados do século XIX (LANDAU, 2001, pp. 43-97; LARA, 1996, pp. 47-66). O pluricentrismo do português, no entanto, embora seja, de fato, mais simétrico que o do espanhol ou o do francês (PÖLL, 2012), ainda não é equiparável ao do inglês. Algumas das razões para que isso ocorra serão comentadas nos próximos parágrafos.

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

Brasil como em Portugal. Concentremo-nos, nesta seção, na situação do lado de cá do Atlântico. É ponto pacífico, por exemplo, que a variedade europeia, há bastante tempo, vem encontrando escassa ressonância no Brasil (FARACO; ZILLES, 2017, p. 168; FARACO, 2019, p. 118). Além disso, as variedades brasileira e europeia do português parecem ficar – ao menos na percepção dos falantes deste lado do oceano – paulatinamente mais distantes, o que se comprova, por exemplo, mediante a prática recorrente de legendagem e dublagem de obras audiovisuais portuguesas veiculadas no Brasil (SILVA, 2017, pp. 328-9). Esse distanciamento entre as variedades brasileira e europeia do português, do ponto de vista sócio-histórico, pode ser explicado, entre outros, pelos seguintes fatores:

a) Organização de uma clássica colônia de exploração. Durante o primeiro período da colonização (séculos XVI e XVII), desenvolveu-se, na região Nordeste, uma economia basicamente agrícola e escravagista. Já o segundo período da colonização, iniciado no final do século XVII, foi marcado pelo chamado ciclo do ouro, que impulsionou o deslocamento populacional em direção ao centro-sul do país, e culminou com a transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763 (sobre a história colonial do Brasil, cf. MESGRAVIS, 2018). O tipo de colonização empreendida pela Coroa Portuguesa – que, via de regra, não foi acompanhada de políticas linguísticas explícitas¹¹ – redundou na distribuição desigual do português – que até o século XVIII era predominante somente no Nordeste do território que hoje se conhece como Brasil – e na sua difusão diassistemática relativamente tardia, eventualmente “de baixo para cima”¹² (FARACO, 2019, pp. 144-9).

b) Escassez de produção literária/intelectual. Uma das principais diferenças entre a colonização espanhola (a esse respeito, cf. MUÑOZ MACHADO, 2019) e a portuguesa no chamado “Novo Mundo” concerne à vida cultural. A Coroa Portuguesa encarregou-se de obstaculizar tanto quanto fosse possível o desenvolvimento das Letras na sua então colônia¹³, proibindo, por exemplo, durante quase todo o período colonial, a publicação de livros e jornais. Foi preciso esperar até o século XIX para que a transferência compulsória da Corte para o Rio de Janeiro em 1808 começasse a ter efeitos na vida cultural do Brasil colônia, com a fundação de uma academia de arte e de um teatro de ópera, a chegada da imprensa, a fundação das primeiras faculdades de direito e medicina etc.

c) Ausência de uma instituição normativa centralizada. Na esteira das academias da Itália, da França e da Espanha, fundou-se, em 1779, a Academia Real das Ciências de Lisboa (atual Academia

¹¹ Uma rara exceção foi a decisão do primeiro-ministro português, Marquês de Pombal, de proibir, em 1757, o ensino das línguas gerais. A medida, contudo, não surtiu o efeito esperado, uma vez que, se, por um lado, o português, de fato, conseguiu suplantá-la ainda no final do século XVIII, por outro lado, a língua geral amazônica seguiu sendo hegemônica na região Norte do país até a segunda metade do século XIX (FARACO, 2019, pp. 136-44).

¹² Referimo-nos à tese segundo a qual o português brasileiro – mais especificamente, suas variedades populares – seriam resultado de um processo de (semi)crioulização (GUY, 1981; HOLM, 1992) – ou de transmissão irregular (BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 2012a, 2012b). A tese de (semi)crioulização, no entanto, é controversa e carece de comprovação (LINS, 2009; BONVINI, 2014; ROUGÉ, 2014).

¹³ Ainda que, de fato, tenha havido produção literária escrita no Brasil colônia, seus principais expoentes, entre os quais figuram, por exemplo, José de Anchieta, Antonio Vieira, Gregório de Matos Guerra, Tomás Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, eram todos, com exceção do canário José de Anchieta, portugueses/filhos de portugueses e tinham fortes laços intelectuais com a então metrópole.

das Ciências de Lisboa) (SCHMIDT-RADEFELDT, 2002, p. 214), que, no entanto, de acordo com Castro (2007), não pode ser considerada como uma academia da língua no mesmo sentido que as demais – como tampouco será o caso da Academia Brasileira de Letras, criada posteriormente, em 1897. Com efeito, nem mesmo a reforma ortográfica de 1911 – levada a cabo como iniciativa unilateral de Portugal e, por essa razão, sem maiores repercussões no Brasil – ficou a cargo da academia portuguesa (CASTRO, 2007, p. 12). A discussão acerca da unificação da ortografia prolongou-se durante todo o século XX (a esse respeito, cf. KEMMLER, 2016; FIORIN, 2020) e culminou com a assinatura do AOLP em 1990. A ortografia unificada, no entanto, não foi bem aceita no Brasil, ao menos em um primeiro momento (NEVES, 2010), e, conforme expôs-se já na introdução deste ensaio, continua encontrando bastante resistência em Portugal, devido ao seu caráter supostamente “abrasileirante” (CASTRO, 2007, p. 13; KEMMLER, 2016, p. 360).

Os fatores elencados acima – sem pretensão de exaustão – contribuíram não só para a diversificação linguística – que teria sido, de qualquer forma, inevitável –, como também para o concomitante desenvolvimento, no Brasil, do que aqui denominar-se-á “consciência etnolinguística”. Esta é, por sua vez, um dos elementos chave que permitem conceber o português brasileiro e o europeu como categorias dissociadas, intensificando a percepção das divergências entre ambas as variedades. Porém, em que pese a “construção ideológica”¹⁴ da ideia de pluricentrismo, ou a de um *português brasileiro* frente a um *europeu*¹⁵, sobre a base de uma “consciência etnolinguística”

¹⁴ A respeito da noção de “construção ideológica”, cabem duas considerações. Em primeiro lugar, embora não falem estudos (cf. nota 7) que indiquem a existência de diferenças entre as variedades brasileira e europeia do português – tanto no nível da *norma* como no nível do *sistema* (sobre ambos os conceitos, cf. COSERIU, 1967) –, deve-se ter em conta que o status atribuído a uma língua/um dialeto (ou mesmo a uma variedade no interior da língua histórica) não depende exclusivamente de suas características estruturais, mas costuma ser resultado de (longos) processos de planificação linguística (KABATEK, 2006) – algo que não parece ter-se dado de maneira completamente eficaz nem no Brasil nem em Portugal, dada a insuficiência (e a inconsistência) dos instrumentos de codificação linguística (morfemas, gramáticas e dicionários) em ambos os países (SCHMIDT-RADEFELDT, 2002; CASTRO, 2007). Em segundo lugar, o foco frequentemente posto nas divergências e a predileção pela descrição de variedades vernáculas frente ao escasso interesse pela norma culta escrita – âmbito no qual as diferenças tendem a atenuar-se (DUARTE; GOMES; PAIVA, 2016) – poderia mascarar um possível viés de confirmação nas pesquisas sociolinguísticas (FARIAS, 2019, 2021). Na prática, o que se tem é uma carência de dados sobre a norma culta escrita – normalmente, a base para a codificação do padrão. (Outra situação é a da norma culta *oral*, cf. nota 17). Posto o anterior, pode-se afirmar com relativa segurança que a defesa da ideia de uma fragmentação irreversível do português baseia-se, quase exclusivamente, em uma “construção ideológica” – a chamada “consciência etnolinguística” –; os avanços nos planos político-institucional e empírico – que, junto com o ideológico, conformam os três eixos complementares de análise das situações pluricêntricas (FARIAS, 2020b; LANGENBACHER-LIBGOTT; FARIAS, 2021) –, contudo, não foram tão expressivos.

¹⁵ A bem da verdade, a ideia de que o português brasileiro e o português europeu seriam já “línguas distintas”, como na análise de Bagno (2001, 2011), parece estar, no Brasil, bem mais difundida do que a ideia do português como uma língua pluricêntrica. Com efeito, a noção de pluricentrismo adquire, não rara vez, um cariz profundamente negativo em solo nacional (por exemplo, MONTEAGUDO; LAGARES, 2017; FARACO, 2019, pp. 172-3). Isso, entre outras razões, se deve a (e se explica por) uma interpretação parcialmente equivocada do conceito de pluricentrismo, que leva a vê-lo como uma espécie de solução de compromisso entre correntes unificadoras e separatistas no espaço da lusofonia – interpretação, aliás, amplamente disseminada em Portugal (por exemplo, CASTRO, 2007, 2009; SILVA, 2016, 2017, 2018), e que enseja propostas como a do projeto de planificação linguística em nível transnacional (cf., entre outros, BATORÉO, 2014, 2016a; JANSSEN *et al.*, 2018). Não obstante, ainda que, na literatura relativa ao tema, seja, de fato, possível encontrar vozes favoráveis à ideia de pluricentrismo como solução de compromisso, ou, até mesmo, em alguns casos, como elemento de coesão linguística (por exemplo, KREMNITZ, 2021), é preciso esclarecer que, na sua

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

forjada ao longo de aproximadamente dois séculos (mais especificamente, desde a primeira geração do Romantismo brasileiro), parece não haver uma contrapartida no plano normativo – caracterizado, em grande medida, pela letargia em relação à implementação de projetos próprios de standardização (FARIAS, 2021). Assim, por exemplo, a tradição gramatical brasileira, iniciada no século XIX, e que tem como alguns de seus mais ilustres herdeiros Bechara (2006) e Cunha e Cintra (2001), parece não ter conseguido desligar-se completamente da portuguesa, já que a norma descrita nas gramáticas normativas foi construída de forma mais ou menos artificial, a partir de uma exemplaridade europeia do século XIX, acrescida de algumas regras aparentemente inventadas (FARACO; ZILLES, 2017, pp. 110-6). Não deve surpreender, portanto, a rejeição que essa norma padrão – aliás, completamente carente de atualização – encontra por parte de uma boa parcela da população hoje (ZANATTA, 2009)¹⁶. A comunidade brasileira vê-se, portanto, relegada, em certo sentido, a uma condição de “orfandade normativa” (FARIAS, 2019, 2020a)¹⁷. Assim sendo, é interessante notar que fatos aparentemente contraditórios – rechaço a um estandar exógeno, por um lado, e escassez (ou sucesso

gênese, o conceito carrega (também e preponderantemente) a ideia de cisão: “Pluricentric languages are both unifiers and dividers of peoples. They unify people through the use of the language and separate them through the development of national norms and indices and linguistic variables with which speakers identify. They mark group boundaries [...] indicating who belongs and who does not.” (CLYNE, 1992b, p. 1). Amorós Negre (2014, p. 221) é ainda mais enfática a esse respeito, ao criticar a atual política linguística da Real Academia Española: “[...] la noción de español estándar implica una ejemplaridad que no es coincidente en las diversas áreas hispánicas y [...] la esencia del pluricentrismo no es la constitución de un español formado por los rasgos lingüísticos comunes a todos sus hablantes, sino el establecimiento de diferentes variedades paramétricas o estándares”. Assim, pois, o conceito de pluricentrismo – se bem entendido – e o ideal de uma “standardização transnacional” – portanto monocêntrica – seriam, por princípio, contraditórios.

¹⁶ Deve-se salientar que se trata, lamentavelmente, de uma apreciação puramente fenomenológica, uma vez que as considerações de Zanatta (2009) – assim como as nossas – baseiam-se, majoritariamente, na experiência pessoal – por exemplo: o fato de que, mesmo nas realizações linguísticas mais afins à concepção escrita (KOCH; OESTERREICHER, 2011) de falantes considerados cultos, é flagrante a desatenção (em alguns casos, talvez, deliberada) às regras descritas nas gramáticas tradicionais do português. Obviamente, a evidência anedótica não equivale ao dado científico, mas, em defesa do argumento de Zanatta – e, em certa medida, nosso –, carecemos, neste momento, de pesquisas sociolinguísticas que possam lançar alguma luz acerca das atitudes e crenças linguísticas dos brasileiros, a exemplo das que foram levadas a cabo no âmbito do projeto *Linguistic Identity and Attitudes in Spanish-speaking Latin America* (CHIQUITO; QUESADA PACHECO, 2014). Nesse sentido, ainda que se possa intuir uma “consciência etnolinguística” por parte da comunidade brasileira, é preciso reconhecer que as atitudes dos falantes não necessariamente estarão alinhadas com suas percepções ou crenças (AMORÓS NEGRE; QUESADA PACHECO, 2019, pp. 13-8), de modo que a “consciência etnolinguística” que se depreende do comportamento dos falantes brasileiros pode, eventualmente, não se evidenciar no seu discurso.

¹⁷ Nem mesmo o desenvolvimento relativamente precoce do que se poderia chamar de “lexicografia brasileira” contribuiu efetivamente para a resolução do problema, já que os dicionários nacionais, de modo geral, não cumprem o propósito de fixação do estandar de maneira satisfatória (FARIAS, 2020a, 2021, 2023). Contudo, para não faltar à verdade, deve-se destacar que houve, de fato, tentativas muito bem-sucedidas de descrição da norma culta brasileira contemporânea. Menciona-se, a título de ilustração, o projeto Norma Urbana Culta (NURC), implementado no final dos anos 1960, que permitiu recolher uma enorme quantidade de dados das variedades orais cultas de cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre). Os dados coletados serviram de base para os oito volumes da *Gramática do português falado*. Deve-se mencionar, ademais, a publicação, nas últimas décadas, de várias gramáticas descritivas do português brasileiro (por exemplo, NEVES, 2000; PERINI, 2010; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011). Em relação às gramáticas citadas, deve-se fazer, contudo, uma ressalva. É comum, nessas obras, que o registro – aliás, muito pertinente – da variação não se conjugue com a devida apreciação dianormativa dos fenômenos descritos. Dessa forma, ao abdicar da função de orientação normativa em relação aos usos linguísticos, tornam-se uma ferramenta muito mais voltada para o estudioso da língua – filólogos e linguistas – do que para o público em geral, que, por sua vez, segue carente de um instrumento normativo de referência devidamente atualizado.

limitado) de projetos “autóctones” de planificação linguística, por outro – possam ter, ambos, uma mesma origem, localizada no processo de conquista e colonização levado a cabo nas terras d’aquém mar (FARIAS, 2021).

3. Contatos intralinguísticos e meios de comunicação massiva no espaço lusófono

Se os fatores sócio-históricos, políticos, econômicos, culturais e demográficos aludidos acima redundaram, do lado de cá do oceano, em uma permeabilidade mínima da variedade europeia, do lado de lá, parecem ter tido um efeito contrário. De fato, o fluxo dos “empréstimos intralinguísticos” ou “entre variedades”, como se verá a seguir, inverteu-se em favor da antiga colônia, que, pouco a pouco, vem se tornando uma importante provedora de “empréstimos” no interior do espaço variacional lusófono. Essa transformação deve-se não só ao deslocamento físico dos indivíduos – turismo e, sobretudo, migração¹⁸ –, mas também aos meios massivos de comunicação, especialmente a partir das últimas décadas do século XX, graças ao êxito internacional de alguns dos produtos oriundos da indústria cultural nacional (música, cinema, telenovelas etc.). A mídia massiva, tal como se enuncia no título do presente ensaio, será nosso foco nesta e na próxima seção.

Pöll (2021, p. 194) esclarece que “[e]n el mundo globalizado de hoy, que permite o incluso favorece el consumo diario de productos culturales mediatizados procedentes de otros países o continentes, el ‘préstamo inter-variedades’ es todo menos excepcional”. Entre os principais aspectos a serem considerados na apreciação de situações de contato no interior de uma língua pluricêntrica, Pöll (2012) já mencionava o “equilíbrio de forças centrífugas e centrípetas”. Esse equilíbrio – ou seja, a relação centro-periferia – determina a dinâmica dos “empréstimos intralinguísticos”: “[I]as palabras transitan en función del peso económico y cultural de las sub-comunidades lingüísticas: cuanto mayor es el peso que una tiene, mayor es la probabilidad de que les dé palabras a otras variedades dentro de la misma comunidad lingüística” (PÖLL, 2021, p. 193).

Sentado o anterior, a análise de línguas como o alemão, o francês e – até certo ponto – o espanhol parece indicar que essas dinâmicas intralinguísticas, em geral, tendem a favorecer a variedade historicamente dominante; não obstante, o caso do português, muito provavelmente, constitui uma exceção à regra. Recorde-se, neste ponto, a preponderância da variedade brasileira no

¹⁸ As relações históricas entre ambos os países, naturalmente, favoreceram os fluxos migratórios, tanto de portugueses em direção ao Brasil, mais intensamente, ainda que não exclusivamente, durante o período colonial (MATOS; SILVA, 2004, pp. 73-6; FARACO, 2019, pp. 95-105), como de brasileiros em direção a Portugal. No que concerne à emigração rumo à antiga metrópole, Minga (2020, p. 8) aponta que o número de brasileiros em Portugal vem crescendo progressivamente desde a década de 1980, tendo apresentado apenas um pequeno declive entre o final da década de 2000 e o início da de 2010 – momento no qual, paradoxalmente, houve um aumento no contingente de estudantes brasileiros nas instituições de ensino superior do país, por efeito de programas de fomento como o *Ciência sem Fronteiras*. Segundo o mais recente relatório publicado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras do governo português, os atuais 204 694 residentes brasileiros são responsáveis por constituir a principal comunidade estrangeira no país, representando 29,3% do total de imigrantes – o mais alto percentual desde 2012 (ESTRELA *et al.*, 2022, pp. 30-1). (Os dados referem-se, por certo, aos imigrantes com situação regular em Portugal. Ainda que não haja dados fidedignos acerca do número exato de imigrantes irregulares, calcula-se que a quantidade de brasileiros no país possa ser ainda mais elevada, tendo em vista que as comunidades estrangeiras costumam ser maiores do que as estatísticas oficiais fazem supor.)

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralingüísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

espaço variacional lusófono, descrita de forma gráfica por Oliveira (2016, p. 38, cf. *ad supra*) e da qual faz eco também Pöll (2012, p. 35):

[...] la relación de fuerzas es dinámica, y una variedad que fue dominante hace cien años, puede ser que hoy día resulte ser la dominada a pesar de estar asociada al país donde se encuentra el tradicional centro normativo. Tal es el caso de la lengua portuguesa: su variedad culta brasileña se ha transformado en norma caracterizada por bastante peso irradiador. Prueba de eso es por ejemplo el hecho de que se establezca cada vez más como norma de la enseñanza del portugués la variedad brasileña, tanto en Europa como en Estados Unidos. Al lado de las variedades del no-estándar, esta variedad culta está muy presente en Portugal, por lo que hay muchísimos préstamos del portugués brasileño en el portugués de Portugal.

Além de fatores como o demográfico, o político e o socioeconômico – sobretudo se considerados em perspectiva histórica (cf. seção 2) –, desempenha um papel crucial no que se refere às dinâmicas centro-periferia a já aludida possibilidade de “exportação cultural”. No que tange à difusão da variedade brasileira em Portugal, Pöll (2012, p. 36) esclarece que:

Claro está que los productos de lo que se llama alta cultura circulan bastante libremente, de suerte que los intelectuales y la gente culta los conoce, independientemente de su ubicación u origen. [...]

Pero si enfocamos la cultura popular mediatizada y su difusión global, la imagen es muy diferente: hay un desequilibrio patente entre España y Portugal por un lado e Hispanoamérica y Brasil por otro. No son Portugal y España los que dominan, sino Latinoamérica, y esto en muchos de los sectores que tienen como objetivo el ofrecer diversión para las grandes masas.

Neste cenário, a televisão tem, certamente, um lugar de destaque, pois foi durante muito tempo – e, em alguns casos, continua sendo – o principal veículo de difusão de produtos da chamada “cultura popular”. Considere-se, primeiramente, o caso do Brasil: aqui, a população não tem acesso a canais de outros países na TV aberta, apenas nos serviços por assinatura, e, entre os canais internacionais disponíveis nos serviços por assinatura, raros são os de língua portuguesa, o que torna o Brasil um espaço especialmente impermeável a outras variedades do português. Essa falta de permeabilidade às variedades oriundas de outras regiões do espaço lusófono – e, conseqüentemente, à cultura que as acompanha –, entretanto, não é, na maior parte das vezes, sequer problematizada pela maioria da população. A ausência de problematização – passível de ser encarada tanto como causa quanto como consequência da configuração de um espaço variacional relativamente hermético – encontra uma explicação razoável no processo sócio-histórico descrito de maneira muito sucinta na seção anterior, que acarretou, como efeito colateral, a conformação do que convimos em chamar de “consciência etnolinguística” no Brasil. Esta, por sua vez, da mesma forma que une os brasileiros “ao redor” da sua variedade, contribui, de certa forma, para aliená-los das demais.

O restante dos países pertencentes à comunidade lusófona, por outro lado, costuma ter maior facilidade de acesso aos canais de televisão de outros países de língua portuguesa. Assim, os cidadãos de Angola, Cabo Verde ou Moçambique, por exemplo, recebem, em rede aberta, canais de televisão

do Brasil (TV Record) e de Portugal (RTP África), além dos nacionais. No que concerne a Portugal, embora os programas televisivos brasileiros (especialmente as telenovelas) tenham perdido muito espaço para a programação local nos últimos anos, ainda há novelas brasileiras em exibição em alguns dos principais canais abertos, mesmo que fora do horário nobre. Além disso, vários canais brasileiros (Globo, Globo Now, Record, PFC) estão inclusos em pacotes de TV a cabo – alguns deles, como a Globo, por exemplo, não fazem parte dos canais *premium*, o que contribui para que este seja, hoje, um dos cinco canais mais vistos da TV paga em Portugal¹⁹.

Sentado o anterior, poder-se-ia objetar que a televisão, tal como a conhecíamos, vem perdendo força nos últimos anos, frente ao avanço, por exemplo, de serviços de TV por *streaming* e de plataformas de áudio e vídeo *on-line*, como o próprio *YouTube*. A mudança paulatina nos hábitos de consumo das mídias televisivas (e de outras), à qual se refere De Ridder (2021), pode ser considerada, no entanto, como um potencial intensificador dos contatos intralinguísticos – ou mesmo interlinguísticos. Isso se deve a que serviços de *streaming* e plataformas de vídeos *on-line* possibilitam a transmissão de conteúdos pela internet, garantindo acesso a uma gama maior de produtos audiovisuais do mundo todo – o que, no plano linguístico, redundará em incremento da diversidade. No que concerne especificamente à variedade brasileira, sua difusão no espaço lusófono se vê claramente favorecida pelos novos hábitos de consumo, haja vista o peso da indústria cultural nacional e seu potencial de exportação²⁰ – afirmação que o próprio conteúdo da matéria aludida no título deste estudo ajuda a corroborar²¹.

A facilidade – e o interesse – em acessar produtos midiáticos produzidos em outros países de língua portuguesa – mormente no Brasil – pode ser uma razão para que os falantes dos demais países pertencentes à CPLP, em geral, mantenham-se mais abertos – ao menos em comparação com os brasileiros – à recepção de outras variedades do português, ficando, portanto, suas respectivas comunidades também mais permeáveis a elas. Esta abertura – voluntária ou não – dos países de língua portuguesa – especialmente de Portugal – à variedade brasileira, por sua vez, pode acarretar consequências no plano da norma e, em certos casos, também do sistema – tomados no sentido coseriano –, uma vez que o contato entre variedades tende a abrir caminho para processos de variação

¹⁹ Cf. DISCACCIATI, Julia. TV brasileira em Portugal: os principais canais e os programas disponíveis. *Euro Dicas*, São Paulo, 02 fev. 2019. Disponível em: <https://www.eurodicas.com.br/tv-brasileira-em-portugal/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

²⁰ É digno de nota, por exemplo, o fato de que duas emissoras brasileiras estão entre as dez maiores do mundo: a Globo, na segunda posição do *ranking*, e a Record, na quinta. Cf. ROCHA, Thomaz. No dia da televisão, quais as 10 maiores emissoras do mundo? *NaTelinha* (Grupo UOL), Ribeirão Preto, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2022/11/21/no-dia-da-televisao-quais-as-10-maiores-emissoras-do-mundo-190210.php>. Acesso em: 02 mar. 2023.

²¹ O caso do *youtuber* Luccas Neto, no entanto, está longe de ser um fato isolado. Para dar um só exemplo: na lista dos 25 vídeos de música *pop* internacional mais vistos em Portugal, divulgada no início de 2022, figuravam nada menos que oito brasileiros, com Luan Santana, Marília Mendonça e Anitta ocupando as honrosas primeira, segunda e quinta posições, respectivamente. Cf. NUNES, Caian. Brasileiros dominam lista de mais vistos no YouTube de Portugal. *Portal POPline*, São Paulo, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/brasileiros-dominam-lista-de-mais-vistos-no-youtube-de-portugal/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

e, eventualmente, também de mudança linguística no âmbito das respectivas comunidades. Asserções tais como “não diz que vê um polícia na rua mas sim um policial”, “a relva é grama” e “pediu à mãe uma bala no supermercado”, extraídas da matéria do jornal *Diário de Notícias*, dão mostras já de certo grau de interferência – neste caso, no nível do léxico – da variedade brasileira na linguagem juvenil dos centros urbanos em Portugal. É interessante notar, porém, que, muito antes de Luccas Neto ter-se tornado ídolo das crianças – e terror de alguns pais d’além mar –, já era possível constatar a influência da variedade brasileira, possivelmente como reflexo, em Portugal, do consumo de produtos midiáticos procedentes do Brasil. À modo de ilustração, pode-se mencionar a supressão do pronome reflexivo *se* em construções inacusativas (*a janela quebrou vs. a janela quebrou-se*), o emprego do gerúndio na perífrase progressiva (*estou estudando vs. estou a estudar*), bem como a admissão da construção do verbo *informar* com um objeto direto inanimado e um objeto indireto humano (*informar [algo] a [alguém]*), em princípio, própria da variedade brasileira, ao lado da construção com um objeto direto humano e um objeto indireto inanimado (*informar [alguém] de [algo]*), presente em ambas as variedades (PÖLL, 2021, pp. 194-5; a esse respeito, cf. também CAETANO, 2002).

4. Algumas considerações sobre contatos intralinguísticos e mídias massivas

Embora as mídias (convencionais ou não) possam desempenhar um papel importante no favorecimento de contatos intralinguísticos e, conseqüentemente, na difusão de (certas) variedades ao longo da cadeia variacional (ANDROUTSOPOULOS, 2014), ainda escasseiam estudos que permitam aferir seu real impacto no que diz respeito tanto à variação/mudança linguística em si como às crenças e atitudes dos falantes (SINNER, 2017). Há, no entanto, uma série de trabalhos que, apesar de não serem inteiramente conclusivos, apresentam dados interessantes e evidenciam a necessidade de investigar mais profundamente o tema. A título de ilustração, mencionam-se, aqui, Carvalho (2004), que discorre acerca do papel da televisão na popularização das variedades do centro do país (eixo Rio-São Paulo) entre os falantes de português no norte do Uruguai, assim como Engels e Kailuweit (2011) e Kailuweit (2016), que defendem a tese de que o teatro e a música teriam sido os principais responsáveis pela difusão dos *lunfardismos* na Argentina. Destacamos, ainda, Muhr (2003), que, ao analisar o contato dos falantes austríacos com as variedades da Alemanha por meio dos serviços de TV a cabo, chegou à conclusão de que, se, por um lado, as variedades mais informais (ou mais afins à concepção oral) são, de fato, consideravelmente afetadas pela exposição às variedades alóctones, por outro lado, a língua exemplar não se mostrava tão permeável à interferência do país vizinho²².

²² A propósito da língua exemplar (estândar) e sua relação com os meios massivos de comunicação, é notável a relevância do tema, por exemplo, no âmbito hispanófono. Os debates, neste caso, costumam girar em torno da possibilidade de construção de um “espanhol internacional” ou “neuro” (BRAVO GARCÍA, 2008, p. 28), com vistas a suprir uma presumida demanda do mercado audiovisual e editorial – sobretudo, o latino-americano – por produtos midiáticos com potencial de circulação internacional. O tema é, evidentemente, espinhoso (a esse respeito, cf. FARIAS, 2024), uma vez que a defesa da existência/necessidade de um “espanhol internacional/neuro”, via de regra, está baseada em argumentos que apelam às políticas mercadológicas (LÓPEZ GONZÁLEZ, 2019; STAUDINGER; KAILUWEIT, 2019) e/ou a um – em alguns casos, suposto – “anseio de internacionalização” dos produtos da indústria cultural (KAILUWEIT; SCHÜLTZ, 2018).

Em relação especificamente ao impacto dos meios massivos de comunicação no desenvolvimento linguístico das crianças, destacam-se os trabalhos de De Ridder (2020; 2021; 2022), cujo principal interesse reside em entender como as mídias locais e globais podem afetar o processo de aquisição linguística dos mais jovens, bem como suas crenças e atitudes frente à sua variedade e às outras. A autora analisa, com especial ênfase, as variedades utilizadas nas dublagens de programas televisivos infantis – ainda que não deixe de prestar atenção à linguagem de *youtubers* aspirantes à internacionalização²³ –, e constata, por fim, que, no âmbito de línguas pluricêntricas, é comum que crianças falantes de variedades não-dominantes estejam mais expostas à diversidade linguística do que o contrário (DE RIDDER, 2020, pp. 134-5). Isso, contudo, não nos deve surpreender, já que é justamente o esperado, haja vista a discussão levada a cabo nas seções anteriores: a explicação para o fenômeno, *mutatis mutandis*, é a mesma válida para a difusão da variedade brasileira (dominante) entre as crianças portuguesas (falantes de uma variedade “menos dominante” em relação à brasileira, ainda que continue sendo dominante frente a outras, cf. nota 9).

Acerca do processo de aquisição linguística de crianças falantes de variedades consideradas não-dominantes, De Ridder (2020; 2022) defende que a exposição à diversidade linguística – em especial, às variedades dominantes – propiciada pelas mídias massivas pode afetá-lo, mas admite que as reais consequências – sobretudo, a médio e longo prazo – dessa exposição ainda não foram devidamente investigadas. Por sua vez, no que concerne ao desenvolvimento de crenças e atitudes linguísticas no âmbito das comunidades mais expostas à diversidade, as conclusões da autora estão, novamente, alinhadas com as nossas expectativas:

In pluricentric language areas, parents complain about the overexposure to the dominant variety. Dutch-speaking parents in Belgium, for instance, have reported that their children copy the dominant Netherlandic Dutch variety they hear in dubbed animation, but also in YouTube videos because of the overexposure to this dominant variety [...]. (DE RIDDER, 2022, p. 111; a esse respeito, cf. também DE RIDDER, 2021).

Como se vê, a queixa dos pais portugueses entrevistados na matéria do jornal *Diário de Notícias* não é, de forma alguma, original. O comportamento linguístico das crianças portuguesas e belgas, não obstante, longe de ser um problema, apenas reflete e manifesta o “modo de ser” da língua, que, de acordo com a concepção humboldtiana, não é “produto” [*ergon, Werk*], mas sim “atividade” [*enérgeia, Tätigkeit*]: a língua “no *está hecha* sino que *se hace* continuamente por la actividad lingüística concreta” (COSERIU, 1978, p. 30; grifos do autor). Nesse sentido, a própria definição de *língua funcional* (equivalente aproximado de *variedade*) como entidade discreta, proposta por Coseriu (1967; 1982), deve ir acompanhada da ressalva de que se trata de uma abstração metodológica, e não de um conceito ontológico. As línguas funcionais/variedades no interior de uma língua histórica não constituem unidades isoladas – ainda que, para efeitos metodológicos, sejam

²³ De Ridder (2020, p. 134) chama a atenção acerca do chamado “‘YouTube language’ phenomenon”, definido como uma tendência a que “*YouTubers* from non-dominant parts of pluricentric language areas adapt their language to cater to speakers of the dominant variety”.

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralingüísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

analisadas como tal (FARIAS, 2008): representam, mais propriamente, um contínuo, do qual dão testemunho, por exemplo, as interferências detectadas pelos preocupados pais portugueses e belgas.

Frente ao exposto, e antes de concluir esta seção, deve-se fazer três considerações. Em primeiro lugar, uma inovação linguística (no caso analisado, um empréstimo intralingüístico) precisa difundir-se diatópica e diastraticamente, mediante uma série de adoções sucessivas, para poder estabilizar-se no uso – ou seja, converter-se em um fato de norma (COSERIU, 1978, p. 78 ss.). *Inovação e adoção*, são, portanto, essencialmente distintas uma da outra, e uma não pressupõe a outra. Algumas vezes, uma dada inovação pode difundir-se somente em certas regiões e/ou entre indivíduos de certos grupos sociais. No caso relatado pelo jornal *Diário de Notícias*, parece ser que as inovações (os empréstimos intralingüísticos) estão presentes apenas nas produções dos mais jovens, não nas de seus pais; se trata, pois, muito provavelmente, de um fenômeno marcado diastrática e diafasicamente (ou, se se prefere, diageracionalmente), restrito à esfera da imediatez comunicativa/dos discursos de concepção oral (KOCH; OESTERREICHER, 2011, pp. 3-19). O fato de que essas inovações (ainda) não tenham se difundido socialmente – somado ao de sua adoção relativamente recente por parte do respectivo grupo – pode indicar, por sua vez, tanto uma estabilidade lábil como uma tendência à efemeridade. Com efeito, é dessa forma que De Ridder (2022, p. 111) tende a interpretar o influxo de variedades dominantes sobre as manifestações linguísticas de falantes de variedades não-dominantes – particularmente em se tratando de crianças: “[...], such phenomena are often downplayed as merely temporary phenomena that will not lead to children fully adopting this dominant variety”.

Em segundo lugar, deve-se levar em conta que determinadas inovações podem difundir-se socialmente – perdendo, por conseguinte, seu estatuto de neologismo²⁴. Nesse sentido, um indício da habitualização de uma dada inovação pode ser sua presença em diferentes tradições discursivas (para uma revisão crítica deste conceito, cf. LÓPEZ SERENA, 2021) – em especial, naquelas mais afeitas à concepção escrita. Neste ponto, convém recordar, por um lado, que a “migração de baixo para cima” na cadeia variacional favorece a perda progressiva das marcas diassistemáticas (GUGENBERGER, 2021) – e, ao lado destas, também da própria “consciência neológica” dos falantes. Por outro lado, a penetração de uma dada forma nas camadas “mais elevadas” da cadeia variacional – em especial, sua penetração na língua exemplar – tende a facilitar sua difusão “de cima para baixo” e, no mínimo, garantir uma vida menos efêmera. Esse, no entanto, ao que tudo indica, não parece ser o destino dos empréstimos detectados nas produções das crianças portuguesas – não só porque os pais aparentam não estar abertos à adoção dessas inovações (o que desfavorece sua disseminação no espaço variacional de Portugal), mas principalmente pela pressão de suas crenças e atitudes, que, pelo visto, segundo os relatos compilados pela reportagem do *Diário de Notícias*, têm redundado na aplicação de medidas coercitivas que visam a reprimir os usos linguísticos considerados inadequados.

²⁴ É o que parece ter ocorrido, por exemplo, com empréstimos da variedade brasileira à europeia como *bagunça*, *chuteira*, *cobrar* “exigir”, *curtir* “desfrutar” e *virar* “tornar-se”, que, conforme Pöll (2021, p. 194), dado seu uso generalizado em Portugal, sequer mereceriam o rótulo de neologismos/brasileirismos hoje.

Finalmente, em terceiro lugar, é preciso estabelecer uma separação estrita entre o “mundo de la voluntad y de la creación de los objetos” e o “mundo objetivo de la descripción” (KABATEK, 2007, p. 812). No primeiro caso, faz-se referência aos falantes, e, mais especificamente, aos poderes públicos, que têm todo o direito não só de opinar livremente, como de ter ingerência sobre suas políticas linguísticas. (A consecução de projetos de standardização, inclusive, depende, em certa medida, da intervenção dos poderes públicos.) Os sociólogos, linguistas e sociolinguistas, por outro lado, e ainda que, naturalmente, serão sempre, antes de mais nada, falantes, devem ater-se à descrição objetiva dos fatos, sendo sua tarefa “analizar la situación en el presente y el pasado y poner las informaciones de las que se dispone a disposición del público” (KABATEK, 2007, p. 812; a esse respeito, cf. também KABATEK, 2018). Dessa forma, tanto a projeção da própria volição (ou da nolição) na descrição dos fatos como o exercício especulativo de futurologia *per se* deveriam ser, tanto quanto fosse possível, evitados nos trabalhos científicos²⁵. Por essa razão, qualquer projeção que se faça não deve ser encarada como previsão, mas apenas como mero cálculo de probabilidade com base nos dados – e nos modelos linguísticos –, e que pode ou não se concretizar.

5. As crianças portuguesas apenas falam português: síntese e reflexões finais

Antes de pôr um ponto final a estas linhas, permitir-nos-emos retomar as perguntas formuladas na introdução e analisá-las à luz das considerações precedentes. Abstraindo do aspecto ideológico que permeia a questão (cf. nota 3), indagávamos acerca dos fatos “puramente linguísticos”: seria adequado, em termos estritamente linguísticos, afirmar que as crianças portuguesas estão realmente falando “brasileiro”? Ou seriam os usos linguísticos reportados pelos pais entrevistados apenas uma consequência natural do contato entre duas variedades? E, sendo este o caso, seria possível fazer

²⁵ Nesse sentido, poder-se-ia questionar, por exemplo, a defesa que De Ridder (2020, p. 135) faz da diversidade de normas na programação infantil: “[...] children would [...] benefit greatly from hearing more linguistic diversity in television programmes fostering openness towards other varieties. Children from the dominant part of pluricentric language areas, for instance, will come into contact with other varieties of their language and realise their language is not limited to their own country or region. Moreover, they will become acquainted with other varieties and may even gain a passive knowledge of those. Similarly, the language attitude of children from a non-dominant part, may improve when they hear their variety is also used by their heroes on television. In this way, it can help them to become confident language users, but most importantly, children’s media would also become more *linguistically* inclusive.” (DE RIDDER, 2020, p. 135). Deve-se ter em conta, primeiramente, que a exposição de falantes de variedades não-dominantes a variedades dominantes, ou *vice-versa*, não é, objetivamente, nem positiva nem negativa; trata-se simplesmente de um evento contingente. (E dever-se-ia continuar tratando o fenômeno como tal, mesmo no caso contrário, ou seja, de que fosse a comunidade brasileira a que estivesse mais exposta a outras variedades do português. Isso não é assim hoje simplesmente porque o espaço variacional lusófono está conformado de outra maneira.) Uma apreciação positiva ou negativa do fenômeno não tem base linguística, mas constitui um juízo de valor baseado nas experiências e ideologias do indivíduo – seja ele leigo ou especialista da área. Além disso, a carência de dados fidedignos a respeito do efeito da exposição à diversidade linguística – sobretudo aquela propiciada pelos meios massivos de comunicação – tanto em relação aos processos de variação/mudança como em relação às crenças e atitudes dos falantes, impossibilita dimensionar suas reais consequências. Sendo assim, ainda que haja uma expectativa de que os efeitos da exposição à diversidade sejam, em geral, mais positivos do que negativos, a verdade é que ainda não dispomos de subsídios que nos permitam fazer esse tipo de afirmação de maneira tão veemente. Em suma, motivo maior de preocupação deveria ser que as crianças recebessem uma educação linguística genuína desde cedo nas escolas, que lhes permitisse entender e respeitar a diversidade, ao mesmo tempo em que os instrumentalizasse para saber usar a língua com propriedade nas mais diversas situações (COSERIU, 2019, pp. 154-60).

“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

projeções a médio e longo prazo acerca do impacto que as situações de contato propiciadas pelos meios massivos de comunicação poderiam gerar em Portugal?

As duas primeiras perguntas são complementares. Começamos pela segunda delas: no âmbito de uma língua histórica, as variedades cultas – preponderantes nos meios (massivos) de comunicação²⁶ – tendem a exercer um poder maior de atração sobre as demais, o que faz com que o intercâmbio intralinguístico, mais frequentemente, as favoreça. (Isso, porém, não significa que o contrário não ocorra.) Em línguas pluricêntricas, a conformação de múltiplos espaços variacionais supõe uma reordenação das dinâmicas de intercâmbio intralinguístico: neste caso, os centros dominantes, obviamente, tendem a exercer maior poder de atração do que os não-dominantes; aqueles, uma vez mais, terminam favorecidos. Ressalte-se, neste ponto, que, conforme se discutiu na seção 2, o peso e o alcance dos centros normativos são definidos historicamente; e, como cada comunidade tem suas particularidades sociais, políticas, econômicas etc., a configuração das dinâmicas intralinguísticas será igualmente diferente em cada caso. Dessa forma, o comportamento linguístico das crianças portuguesas só pode ser interpretado como uma consequência natural do contato entre variedades. E que as crianças portuguesas estejam mais “vulneráveis” ao influxo da variedade brasileira do que o contrário, é uma consequência das dinâmicas intralinguísticas forjadas no espaço lusófono, como resultado dos processos sócio-históricos relatados anteriormente. Assim sendo – e já respondendo à primeira pergunta – as crianças portuguesas não falam “brasileiro”; elas apenas falam – e continuarão falando – a *sua* variedade do português que, por contingências sócio-históricas, é particularmente permeável à variedade brasileira, o que redundará em uma interferência maior desta sobre aquela.

Com relação à terceira pergunta, já deve ter ficado claro que não é possível – nem desejável – proferir vaticínios sobre o impacto dos meios massivos de comunicação nos hábitos linguísticos dos portugueses – em especial, das crianças portuguesas. Não obstante, a análise das dinâmicas de interação no interior do espaço variacional lusófono em perspectiva histórica, levada a cabo nas páginas precedentes, permite-nos afirmar com relativa margem de acerto que: (a) os meios (massivos) de comunicação parecem sim ter um papel importante na difusão de algumas variedades linguísticas – sobretudo as dominantes, pelas razões aventadas *ad supra*; (b) a comunidade lusitana tem se mostrado relativamente aberta à recepção de “inovações brasileiras”, como demonstram os exemplos, apresentados ao longo do texto, de unidades léxicas e construções morfossintáticas, hoje mais ou menos arraigadas em Portugal; (c) a taxa de adoção de inovações, contudo, não pode ser calculada com exatidão: a incorporação ou não de uma dada forma à língua depende de variáveis como necessidade expressiva, grau de exposição à diversidade linguística (seja através das mídias massivas ou não), crenças e atitudes dos falantes em relação às inovações etc., de tal forma que cada caso deve ser

²⁶ O espaço variacional brasileiro, por exemplo, caracteriza-se, entre outros fatores, pela concentração dos meios de comunicação no eixo Rio-São Paulo – região cujas variedades linguísticas costumam ser interpretadas, em razão de fatores sócio-históricos, como “menos marcadas” (LEITE; CALLOU, 2005, p. 30 ss.). Isso, certamente, favorece a difusão – e consolidação – das inovações surgidas no centro do país, ao mesmo tempo em que desfavorece as inovações de outras regiões, que tendem ou a desaparecer depois de algum tempo, ou, no caso de que seu uso se estabilize, a manter-se como formas marcadas diatópica e/ou diafásico-diastraticamente.

avaliado individualmente; (d) por último, é de se esperar que alguns dos empréstimos tomados da variedade brasileira encontrem acolhida do outro lado do Atlântico, mas, tendo em vista as condições de “migração” das inovações ao longo da cadeia variacional, os empréstimos incorporados por via da linguagem juvenil costumam ter pouca probabilidade de êxito. Qualquer coisa que se diga além disso será mera especulação.

Finalmente, ante o exposto, fica claro que o comportamento linguístico dos mais jovens, alvo de duras críticas por parte de alguns pais, não deveria ser, de forma alguma, motivo de preocupação, posto que é, simplesmente, resultado das dinâmicas de intercâmbio intralinguístico que se dão – ainda que de forma diversa – no âmbito de toda e qualquer língua histórica. A valoração positiva ou – mais frequentemente – negativa do fenômeno não responde a fatores linguísticos, mas a juízos de outra ordem, decorrentes de ideologias e crenças em torno às línguas e variedades – e aos seus falantes.

Referências

AMORÓS NEGRE, Carla. *Las lenguas en la sociedad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2014.

AMORÓS NEGRE, Carla; QUESADA PACHECO, Miguel Ángel. Percepción lingüística y pluricentrismo: Análisis del binomio a la luz de los resultados del proyecto *Linguistic Identity and Attitudes in Spanish-speaking Latin America* (LIAS). *ELUA*, n. 33, pp. 9-26, 2019.

AMMON, Ulrich. *Die deutsche Sprache in Deutschland, Österreich und der Schweiz. Das Problem der nationalen Varietäten*. Berlin/New York: de Gruyter, 1995.

ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Mediatization and sociolinguistic change. Key concepts, research traditions, open issues. In: ANDROUTSOPOULOS, Jannis (coord.). *Mediatization and Sociolinguistic Change*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2014. pp. 3-47.

AUER, Peter. Enregistering pluricentric German. In: SILVA, Augusto Soares (org.). *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*. Berlin/New York: de Gruyter, 2013. pp. 19-48.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico. O que é, como se faz?* 6. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BANZA, Ana Paula. O português em Angola: Uma questão de política linguística. In: FIÉIS, Alexandra; LOBO, Maria; MADEIRA, Ana (orgs.). *O Universal e o Particular: uma vida a comparar*. Lisboa: Edições Colibri, 2015. pp. 29-38.

BATORÉO, Hanna. Que gramática(s) temos para estudar o Português língua pluricêntrica? *Diadorim*, v. 16, pp. 1-15, 2014.

BATORÉO, Hanna. Gramáticas de costas voltadas: que futuro para o ensino do português como língua pluricêntrica a falantes não-nativos (PLNM)? In: HLIBOWICKA-WEGLARZ, Barbara; WISNIEWSKA, Justyna; JABLONKA, Edyra (orgs.). *Língua Portuguesa: Unidade e Diversidade*. Lublin: Editora da Universidade Marie Curie-Sklodowska, 2016a. pp. 93-108.

"Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'": indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

BATORÉO, Hanna. The contact induced partial restructuring of the non-dominant variety of Portuguese in East Timor. In: MUHR, Rudolf (coord.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide*. Vol 1: Pluricentric Languages across continents – Features and usage. Wien et al.: Peter Lang, 2016b. pp. 145-59.

BATORÉO, Hanna; CASADINHO, Margarida. O português – uma língua pluricêntrica: O caso de Timor-Leste. *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos*, v. 13, n. 1, pp. 63-79, 2009.

BAXTER, Allan. Portuguese as a Pluricentric Language. In: CLYNE, Michael (org.). *Pluricentric languages: Differing Norms in Different Nations*. Berlin/New York: de Gruyter, 1992. pp. 11-44.

BAXTER, Allan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 19, pp. 65-83, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

BECKER, Martin. Zum Diskursbegriff – seinen Dimensionen und Anwendungen. In: LEBSANFT, Franz; SCHROTT, Angela (orgs.). *Diskurse, Texte, Traditionen. Modelle und Fachkulturen in der Diskussion*. Bonn: Bonn University Press, 2015. pp. 149-72.

BEHLING, Janaína. O “brasileiro” como língua de afirmação em Portugal. *Prolingua*, v. 15, n. 1, pp. 67-81, 2020.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (orgs.). *África no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. pp. 15-62.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Português brasileiro, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2021.

BRAVO GARCÍA, Eva. *El español internacional*. Madrid: Arcos/Libros, 2008.

CAETANO, José Palma. Algumas tendências actuais da evolução da língua portuguesa em Portugal. In: PÖLL, Bernhard; RAINER, Franz (orgs.). *Vocabula et vocabularia. Études de lexicologie et de (méta-)lexicographie romanes en l'honneur du 60e anniversaire de Dieter Messner*. Frankfurt am Main et al.: Peter Lang, 2002. pp. 53-65.

CALLOU, Dinah; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JÚNIOR, Lucrécio; MARTINS, Marco Antonio (orgs.). *Reflexões linguísticas: questões de historiografia, gramática e ensino na linguística brasileira*. Natal: EDUFRN, 2016. pp. 81-108.

CARVALHO, Ana Maria. I speak like the guys on TV: Palatalization and the urbanization of Uruguayan Portuguese. *Language variation and change*, v. 16, n. 2, pp. 127-51, 2004.

CASTILHO, Ataliba de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. pp. 237-85.

CASTILHO, Ataliba de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Ivo. Forças de união e separação no espaço da língua portuguesa. 2007. Disponível em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/2007_Unio_e_Separao.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

CASTRO, Ivo. A internacionalização da língua portuguesa (comunicação). 2009. Disponível em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/2009_Internacionalizao_do_Portugus.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHIQUITO, Ana Beatriz; QUESADA PACHECO, Miguel Ángel (orgs.). *Actitudes lingüísticas de los hispanohablantes hacia el idioma español y sus variantes*. Bergen: Bergen Language and Linguistic Studies (BeLLS), 2014.

CLYNE, Michael (org.). *Pluricentric languages: Differing Norms in Different Nations*. Berlin/New York: de Gruyter, 1992a.

CLYNE, Michael. Pluricentric Languages – Introduction. In: CLYNE, Michael (org.). *Pluricentric languages: Differing Norms in Different Nations*. Berlin/New York: de Gruyter, 1992b. pp. 1-9.

CLYNE, Michael. Epilogue. In: CLYNE, Michael (org.). *Pluricentric languages: Differing Norms in Different Nations*. Berlin/New York: de Gruyter, 1992c. pp. 455-66.

CLYNE, Michael; SHARIFIAN, Farzad. English as an international language: Challenges and possibilities. *Australian Review of Applied Linguistics*, v. 31, n. 3, pp. 28.1-28.16, 2008.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, Eugenio (org.). *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*. 2.ªed. Madrid: Gredos, 1967. pp. 11-113.

COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1978.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. 6. ed. México, D.F.: Instituto de Investigaciones Filológicas/Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

COSERIU, Eugenio. El español de América y la unidad del idioma. In: SIMPOSIO DE FILOLOGÍA IBEROAMERICANA, 1. Sevilla. *Actas* [...]. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1990. pp. 43-75.

COSERIU, Eugenio. Lenguaje y política. In: LOUREDA LAMAS, Óscar (org.). *Lenguaje y discurso*. Barañáin: Ediciones Universidad de Navarra, 2006. pp. 35-56.

COSERIU, Eugenio. *Competencia lingüística y criterios de corrección*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2019.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DE RIDDER, Reglindis. Linguistic diversity in audiovisual media for children in Belgium and Austria. In: MUHR, Rudolf; THOMAS, Juan (orgs.). *Pluricentric Theory beyond Dominance and Non-dominance*. Graz/Berlin: PCL-PRESS, 2020. pp. 121-36.

DE RIDDER, Reglindis. Taaldiversiteit in kindertelevisie: Wat denken de ouders? *Over Taal*, v. 59, n. 1, pp. 1-8, 2020.

DE RIDDER, Reglindis. Audiovisual translation matters. On the sociolinguistic importance of audiovisual translation. *Lletres Asturianes*, n. 126, pp. 99-116, 2022.

"Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'": indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

DUARTE, Maria Eugênia; GOMES, Christina Abreu; PAIVA, Maria da Conceição. Codification and Standardisation in Brazilian Portuguese. In: MUHR, Rudolf (org.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide*. Vol 1: Pluricentric Languages across continents – Features and usage. Wien et al.: Peter Lang, 2016. pp. 51-65.

DUPB. BORBA, Francisco. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

ENGELS, Kathrin; KAILUWEIT, Rolf. Los italo-lunfardismos en el sainete criollo. Consideraciones léxico-semánticas. In: DI TULLIO, Ángela; KAILUWEIT, Rolf (coords.). *El español rioplatense: lengua, literatura, expresiones culturales*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2011. pp. 227-47.

ESTRELA, Joaquim et al. *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2021*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras/Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação, 2022.

FARACO, Carlos Alberto. Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política. In: LOBO, Tania et al. (orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 31-50.

FARACO, Carlos Alberto. *História do português*. São Paulo: Parábola, 2019.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. *Norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FARIAS, Virginia Sita. A concepção sincrônica de língua e sua limitação em relação ao tratamento da neologia. *Cadernos do IL*, n. 36, pp. 46-58, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/18912>. Acesso em: 06 mar. 2023.

FARIAS, Virginia Sita. O problema da norma padrão no Brasil. Uma reflexão sobre pluricentrismo, constituição de variedades nacionais e codificação linguística. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu (org.). *A senda nos estudos da língua portuguesa*. Ponta Grossa: Atena, 2019. pp. 25-37.

FARIAS, Virginia Sita. O estandar no Brasil. Uma discussão sobre pluricentrismo, codificação normativa e o papel da lexicografia. *Acta Semiótica et Linguística*, v. 25, n. 2, pp. 22-45, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/54678>. Acesso em: 25 fev. 2023.

FARIAS, Virginia Sita. Pluricentrismo versus panhispanismo en la cultura lingüística hispánica. *Tinkuy. Boletín de Investigación y Debate*, n. 25, pp. 75-93, 2020b. Disponível em: https://llm.umontreal.ca/public/FAS/llm/Documents/2-Recherche/Tinkuy_No_25__1_.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

FARIAS, Virginia Sita. El portugués y su pluricentrismo: el problema de la codificación normativa en diccionarios generales brasileños y portugueses. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, n. 37, pp. 113-23, 2021.

FARIAS, Virginia Sita. Lexicografía integral en Hispanoamérica y Brasil (y diseño de un modelo de análisis y evaluación de diccionarios integrales). In: CORBELLA, Dolores; DORTA, Josefa; PADRÓN, Rafael (orgs.). *Perspectives de recherche en linguistique et philologie romanes*. Vol.1 (= BiLiRo 18,1). Strasbourg: Société de Linguistique Romane/Éditions de linguistique et de philologie. pp. 703-14.

FARIAS, Virginia Sita. Pluricentrismo, políticas académicas y los discursos sobre la lengua en la cultura lingüística hispánica. *Nueva Revista De Filología Hispánica (NRFH)*, v. 72, n. 1, pp. 3-44, 2024. Disponível em: <https://nrfh.colmex.mx/index.php/nrfh/article/view/3925/4305>. Acesso em: 11 jan. 2024.

- FIORIN, José Luiz. A dimensão política do acordo de unificação ortográfica: a CPLP. In: BASTOS, Neusa (org.). *Língua portuguesa: lusofonia(s), língua(s) e cultura(s)*. São Paulo: EDUC/IP-PUC-SP, 2020. pp. 5-15.
- FLYDAL, Leiv. Remarques sur certains rapports entre le style et l'état de langue. *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap*, v. 16, pp. 240-57, 1951.
- GALVES, Charlotte; KROCH, Anthony. Main syntactic changes from a principle-and-parameters view. In: WETZELS, Leo; MENUZZI, Sérgio; COSTA, João (orgs.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. New York: John Wiley & Sons, 2016. pp. 487-503.
- GUGENBERGER, Eva. Die Dynamik im lusophonen Varietätengefüge aus der Perspektive des Sprachkontakts am Beispiel von Brasilien und Angola. In: LADILOVA, Anna et al. (orgs.). *Bornistik. Sprach- und kulturwissenschaftliche Perspektiven auf die Romania und die Welt*. Giessen: Giessen University Library Publications, 2021. pp. 316-42.
- GUY, Gregory. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. 1981. 391p. Ph.D (Dissertation on Linguistics) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.
- HOLM, John. Popular Brazilian Portuguese: a semi creole. In: D'ANDRADE, Ernesto; KIHM, Alain (orgs.). *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1992. pp. 37-66.
- JANSSEN, Maarten et al. The CPLP Corpus: A Pluricentric Corpus for the Common Portuguese Spelling Dictionary (VOC). In: EURALEX INTERNATIONAL CONGRESS, 18. Ljubljana. *Proceedings [...]*. Ljubljana: EURALEX, 2018. pp. 835-40.
- KABATEK, Johannes. Requisitos para ser lengua: el caso del asturiano y de otras modalidades lingüísticas de España. In: CASTILLO LLUCH, Mónica; KABATEK, Johannes (orgs.). *Las Lenguas de España. Política lingüística, sociología del lenguaje e ideología desde la Transición hasta la actualidad*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2006. pp. 141-58.
- KABATEK, Johannes. Dos Españas, dos normalidades: visiones bipolares sobre la situación lingüística en la España actual. In: ARNSCHEIDT, Gero; TOUS, Pere Joan (orgs.). *“Una de las dos Españas...”*. *Representaciones de un conflicto identitario en la historia y en las literaturas hispánicas*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2007. pp. 803-16.
- KABATEK, Johannes. Algunos apuntes acerca de la cuestión de la ‘hibridez’ y de la ‘dignidad’ de las lenguas iberorrománicas. In: BLEORȚU, Cristina; GERARDS, David Paul (orgs.). *Lingüística coseriana, lingüística histórica, tradiciones discursivas*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2018. pp. 107-21.
- KAILUWEIT, Rolf. La spirale de la médiatisation – L’oralité primaire, secondaire et tertiaire du *lunfardo* (argot du tango). In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 27. Nancy. *Actes [...]*. Strasbourg: Éditions de linguistique et de philologie, 2016. pp. 1059-70.
- KAILUWEIT, Rolf; SCHÜLTZ, Anja. Medios populares y normas lingüísticas en la Argentina – El desarrollo de una lengua literaria moderna a través del rock argentino. *Revue de Linguistique Romane*, n. 327-328, pp. 335-52, 2018.
- KEMMLER, Rolf. Quem tem direitos proprietários sobre a ortografia em Portugal? Uma breve abordagem histórica. In: LUÍS, Carla Sofia; LUÍS, Alexandre António; OSÓRIO, Paulo (orgs.). *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*. Lisboa: Edições Colibri/Universidade da Beira Interior, 2016. pp. 351-64.

"Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'": indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralingüísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

KLOSS, Heinz. Abstand Languages and Ausbau Languages. *Anthropological Linguistics*, v. 9, n. 7, pp. 29-41, 1967.

KLOSS, Heinz. *Die Entwicklung neuer germanischer Kultursprachen seit 1800*. 2. ed. Düsseldorf: Schwann, 1978.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. 2. ed. Berlin/New York: de Gruyter, 2011.

KREFELD, Thomas. Migration-induced Variation in the Communicative Space. *Gragoatá*, n. 42, pp. 13-26, 2017.

KREMnitz, Georg. „Polyzentrische Sprachen“ und „interner Kolonialismus“, mögliche Beziehungen. Einige sprachpolitische Überlegungen. In: LADILOVA, Anna *et al.* (orgs). *Bornistik. Sprach- und kulturwissenschaftliche Perspektiven auf die Romania und die Welt*. Giessen: Giessen University Library Publications, 2021. pp. 140-51.

LANDAU, Sidney. *Dictionaries. The art and craft of lexicography*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LANGENBACHER-LIEBGOTT, Jutta; FARIAS, Virginia Sita. Introducción. Pluricentrismo y codificación lexicográfica. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, n. 37, pp. 9-16, 2021.

LARA, Luis Fernando. *Teoría del diccionario monolingüe*. México, D.F.: El Colegio de México, 1997.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LINS, Alex Batista. Três hipóteses e alguns caminhos para melhor compreender o processo constitutivo do português brasileiro. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão; SOLEDADE, Juliana (orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 271-96.

LÓPEZ GONZÁLEZ, Antonio María. Español neutro – español latino: hacia una norma hispanoamericana en los medios de comunicación. *Rockzniki Humanistyczne*, v. 67, n. 5, pp. 7-27, 2019.

LÓPEZ SERENA, Araceli. Tradiciones discursivas, historia de la lengua española e historia del portugués brasileño. Fundamentos teóricos, principios metodológicos y aproximaciones descriptivas. *Lexis*, v. 45, n. 2, pp. 483-553, 2021.

LUCCHESI, Dante. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de Lingüística Galega*, v. 4, pp. 45-65, 2012a.

LUCCHESI, Dante. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, Tania *et al.* (orgs.). *Rosae: lingüística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012b. pp. 249-74.

MAPASSE, Ermelinda. Usos e avaliação social do português em Moçambique. *Calidoscópico*, v. 15, n. 2, pp. 240-53, 2017.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. pp. 261-83.

MEISNITZER, Benjamin. O português como língua pluricêntrica. Um desafio para a didática do Português Língua Estrangeira. In: KOCH, Christian; REIMANN, Daniel (orgs.). *As variedades do português no ensino de português língua não materna*. Tübingen: Narr, 2019. pp. 19-46.

MESGRAVIS, Laima. *História do Brasil colônia*. São Paulo: Contexto, 2018.

MINGA, Ester Amaral de Paula. *A Construção do Outro na Opinião Pública: representações contemporâneas do Brasil e dos brasileiros na sociedade portuguesa*. 2020. 410 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2020.

MONTEAGUDO, Henrique; LAGARES, Xoán. Norma e autoridade linguística no galego e no português brasileiro. *LaborHistórico*, v. 3, n. 2, pp. 12-27, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17123>. Acesso em: 26 fev. 2023.

MUHR, Rudolf. Language change via satellite. The influence of German television broadcasting on Austrian German. *Journal of Historical Pragmatics*, v. 4, n. 1, pp. 103-27, 2003.

MUHR, Rudolf. Linguistic dominance and non-dominance in pluricentric languages: A typology. In: MUHR, Rudolf et al. (orgs.). *Non-dominant Varieties of pluricentric Languages. Getting the Picture. In Memory of Michael Clyne*. Wien et al.: Peter Lang, 2012. pp. 23-48.

MUHR, Rudolf. Codifying linguistic standards in non-dominant varieties of pluricentric languages – adopting dominant or native norms? In: MUHR, Rudolf et al. (orgs.). *Exploring Linguistic Standards in Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages/Explorando estándares lingüísticos en variedades no dominantes de lenguas pluricéntricas*. Wien et al.: Peter Lang, 2013. pp. 11-44.

MUHR, Rudolf. The state of the art of research on pluricentric languages: Where we were and where we are now. In: MUHR, Rudolf (org.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide*. Vol 1: Pluricentric Languages across continents – Features and usage. Wien et al.: Peter Lang, 2016. pp. 13-37.

MUÑOZ MACHADO, Santiago. *Hablamos la misma lengua. Historia política del español en América, desde la Conquista hasta las Independencias*. Crítica: Buenos Aires, 2019.

NEVES, Marco. *Doze segredos da língua portuguesa*. Lisboa: Guerra e Paz, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e a meta da simplificação e unificação. *D.E.L.T.A.*, v. 26, n. 1, pp. 87-113, 2010.

NOLL, Volker Rudolf. A formação do português do Brasil. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker Rudolf (orgs.). *O português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Madri/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2004. pp. 11-26.

"Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'": indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. The system of national standards and the demolingistic evolution of Portuguese. In: MUHR, Rudolf (org.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide*. Vol 1: Pluricentric Languages across continents – Features and usage. Wien et al.: Peter Lang, 2016. pp. 35-48.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PÖLL, Bernhard. Essai de standardologie comparée: quelques éléments pour une comparaison de l'espagnol et du portugais européens et américains. *Revue belge de philologie et d'histoire*, v. 79, n. 3, pp. 907-30, 2001.

PÖLL, Bernhard. *Le français langue pluricentrique? Études sur la variation diatopique d'une langue standard*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005.

PÖLL, Bernhard. Situaciones pluricéntricas en comparación: El español frente a otras lenguas pluricéntricas. In: LEBSANFT, Franz; MIHATSCH, Wiltrud; POLZIN-HAUMANN, Claudia (orgs.). *El español, ¿desde las variedades a la lengua pluricéntrica?* Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2012. pp. 29-45.

PÖLL, Bernhard. El papel de los medios de comunicación en los procesos de normativización lingüística: Ejemplos de lenguas pluricéntricas. *Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística*, v. 11, pp. 185-201, 2021. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/AFEL/article/view/37928/36489>. Acesso em: 14 abr. 2022.

ROUGÉ, Jean-Louis. A inexistência de crioulo no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (orgs.). *África no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. pp. 63-73.

SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Aspectos da língua portuguesa em Angola. *PAPIA*, v. 28, n. 1, pp. 25-49, 2018.

SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. Portugiesisch. In: JANICH, Nina; GREULE, Albrecht (orgs.). *Sprachkulturen in Europa. Ein internationales Handbuch*. Tübingen: Narr, 2002. pp. 211-19.

SILVA, Augusto Soares da. The cognitive approach to pluricentric languages and the pluricentricity of Portuguese: What's really new? In: MUHR, Rudolf (org.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide*. Vol 1: Pluricentric Languages across continents – Features and usage. Wien et al.: Peter Lang, 2016. pp. 13-34.

SILVA, Augusto Soares da. Modelos cognitivos da lusofonia. Romantismo e racionalismo nas políticas de língua e comunicação de unidade/diversidade do português europeu e brasileiro. In: MATINS, Moisés de Lemos (org.). *A Internacionalização das Comunidades Lusófonas e Ibero-Americanas de Ciências Sociais e Humanas – O Caso das Ciências da Comunicação*. Famalicão: Edições Húmus, 2017. pp. 319-35.

SILVA, Augusto Soares da. O português no mundo e sua standardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional. In: BARROSO, Henrique (org.). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. Braga: Edições Húmus, 2018. pp. 111-32.

SINNER, Carsten. Language Change through Medial Communication. In: BEDIJS, Kristina; MAASS, Christiane (coords.). *Manual of Romance Languages in the Media*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2017. pp. 381-410.

STAUDINGER, Eva; KAILUWEIT, Rolf. Norma(s) pluricêntrica(s) y medios de comunicación. El caso del «argentino neutro». In: STROSETZKI, Christoph (coord.). *Aspectos actuales del hispanismo mundial: Literatura — Cultura — Lengua*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2019. pp. 588-99.

STEWART, William. Sociolinguistic typology of multilingualism. In: FISHMAN, Joshua (org.). *Readings in the sociology of language*. The Hague: Mouton, 1968. pp. 530-45.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: UNESP, 1993. pp. 69-105.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução: Celso Cunha. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ZANATTA, Flávia. Breve panorama da situação da norma lingüística no Brasil. *Lusorama*, n. 77/78, pp. 79-102, 2009.